

O DIÁRIO DE CAMPO PARA ANÁLISES DE UMA PROPOSTA EXTENSIONISTA NA ÁREA DA PSICOLOGIA LÚDICA

Alessandra Pimentel¹

Maria Eduarda Carvalho Martins²

Kathleen Simões Elias de Barros³

RESUMO

O texto descreve a utilização do diário de campo, ou diário de estudo, como instrumento de análise sobre um programa de extensão universitária da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), o Paludicon. Esse programa foi desenvolvido sob a égide da teoria histórico-cultural, segundo a qual o brincar é um processo potencializador do desenvolvimento humano. A perspectiva de Elkonin é uma das principais referências. Todas as propostas retratadas se referem a atividades realizadas com crianças no âmbito da brinquedoteca da UFSJ. A partir dos diários, são descritos dois casos, cada um representando uma área de atuação. A primeira criança pertence a uma instituição de acolhimento; a outra retrata as propostas do Paludicon para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As atividades realizadas com as duas crianças valorizam suas potencialidades ao mesmo tempo em que buscam ressignificar seu ser-no-mundo. Conclui-se que a universidade deve reconhecer e valorizar atividades como as realizadas pelo Paludicon, não apenas para a formação dos universitários, mas também por sua relevância na construção da cidadania, desde a infância.

Palavras-chave: brinquedoteca; extensão universitária; teoria histórico-cultural; psicologia do jogo; diário de campo.

FIELD DIARY FOR ANALYSIS OF AN EXTENSION PROPOSAL IN THE AREA OF PLAYFUL PSYCHOLOGY

ABSTRACT

The text describes the use of field diaries, or study journals, as an analytical tool for a university extension program at the Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), the 'Paludicon'. This program was developed based on historical-cultural theory, according to which play is a process that enhances human development. Elkonin's perspective is one of the main references. All the proposals portrayed refer to activities carried out with children within the UFSJ toy library. Based on the diaries, two case studies are described, each representing a different area of activity. The first child belongs to a foster care institution; the other portrays Paludicon's proposals for children

¹ Professora doutora em Educação (ênfase Psicologia da Educação). Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), e-mail alessandrapimentel@ufs.edu.br

² Graduanda do curso de Teatro com bolsa de extensão, UFSJ, e-mail mariaecarvalho profissional@gmail.com

³ Graduanda do curso de Psicologia com bolsa de extensão; UFSJ, e-mail kathleensbarros@gmail.com

with Autism Spectrum Disorder (ASD). The activities carried out with both children highlight their potential while also seeking to redefine their being-in-the-world. The conclusion is that universities should recognize and value activities such as those carried out by Paludicon, not only for the education of university students but also for their relevance in the development of citizenship, starting in childhood.

Keywords: toy library; university extension; historical-cultural theory; psychology of play; study diary.

1 INTRODUÇÃO

Especialmente no âmbito universitário, a brinquedoteca se torna um laboratório de experimentação, um espaço dinâmico e organicamente articulado à Universidade, a fim de possibilitar estudos, aprendizagens, reflexões, além de apoiar a formação de graduandos e pós-graduandos dos diversos cursos ofertados pela instituição, contribuindo para a formação inicial e contínua, atuando em prol das comunidades interna e externa, constituindo um âmbito propício à tríplice integração de ensino, pesquisa e extensão (Oliveira *et al.*, 2017).

Tendo em conta as premissas acima, desde 2021, sob o formato de Programa de Extensão, temos promovido o uso da brinquedoteca da UFSJ, articulando diversas ações junto aos públicos infantis.

Atualmente, o Programa de Atividades Lúdicas em Diferentes Contextos (Paludicon) conta com uma equipe interdisciplinar, formada pela professora-coordenadora, três bolsistas, seis estagiários e sete extensionistas. Em função da área de atuação, a da ludicidade, buscamos assegurar que o Paludicon tenha discentes advindos de diversos cursos, como Psicologia, Pedagogia, Teatro, Música, Educação Física, etc. Parcerias também são instauradas, como a que promove a integração dos brinquedistas do Paludicon com estudantes de Medicina, em cursos especialmente voltados ao cuidado com a primeira infância.

Com relação aos públicos atendidos, temos crianças providas de instituições de acolhimento (casas lares), participantes de atividades de Organizações não Governamentais (ONGs), turmas de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e atendimento aos filhos de estudantes, professores e funcionários da Universidade, bem como ações realizadas em parceria com escolas e pré-escolas da rede pública de ensino.

Sob o olhar histórico cultural, o Paludicon vem apostando na dialeticidade da promoção dos binômios aprendizagem/desenvolvimento, afetividade/cognição, pensamento/linguagem, mediação/internalização, brinquedista/brincante⁴. À luz da teoria histórico cultural, por meio do brincar, a criança experimenta processos que a colocam num patamar de desenvolvimento maior do que aquele determinado pelas condições reais de sua idade (Pimentel, 2008).

⁴ Brinquedista designa os adultos que promovem e asseguram a ocorrência das atividades lúdicas. Brincante é o termo utilizado para se referir àquele que brinca, ou seja, as crianças usuárias da brinquedoteca (Pimentel, 2023).

Segundo as diretrizes vygotskianas, são enfatizadas a liberdade e a construção da autonomia, estimulando a escolha livre das brincadeiras. Desse modo, estimula-se o trânsito livre das crianças pela instituição universitária, permitindo que ocupem diversos espaços, contribuindo para consolidar a ludicidade no contexto acadêmico – usualmente identificado pelo saber formal e por uma postura silenciosa –, subvertendo a lógica da universidade (Farenzena *et al.*, 2018).

2 Diários de campo como metodologia de análise

No que tange à pesquisa, a equipe do Paludicon conta com reunião semanal de discussão dos casos, registros imagéticos (fotografias e vídeos), além da produção dos diários de campo. Numa primeira instância, tais contextos e instrumentos servem para a tomada de decisões sobre como os processos de atuação serão encaminhados. Porém, o debate não é desvinculado dos entendimentos teórico-metodológicos que traduzem o escopo desse programa de extensão, explicitamente demarcado pela perspectiva histórico-cultural (Pimentel, 1999).

Por exemplo, manter um olhar atento aos processos potenciais de desenvolvimento, priorizar a mediação simbólica, instaurar cenários lúdicos desafiadores e interativos, promover a autonomia de brinquedistas e brincantes são alguns dos aspectos defendidos e continuamente estimulados nas atuações relacionadas ao trabalho na brinquedoteca.

Especialmente o diário de campo tem propiciado inúmeras descobertas, inclusive sobre o desenvolvimento da profissionalidade dos estudantes envolvidos com a proposta (Pimentel, 2025, 2023).

Cada participante do Paludicon mantém registros contínuos em seus diários. Ali expõem situações e contextos das brincadeiras ocorridas em cada campo de atuação, detalhando propostas, vivências, percepções e sentimentos, observações sobre as crianças, diálogos, etc. Há frequentemente inserção de fotografias dos eventos como meio para enriquecer a descrição. É também incentivado o exercício de análise reflexiva, pelo qual cada brinquedista se permite levantar hipóteses explicativas e propor novas formas de agir.

A seguir, adentramos nas análises de dois casos⁵. Com isso, esperamos relatar com maior riqueza de detalhes nossa compreensão sobre a atuação desse programa de extensão e reafirmar sua relevância como parte integrante da Universidade. O primeiro caso aglutina impressões dos diários sobre uma das crianças advindas da parceria com casas lares da cidade.

⁵ Ambos os casos foram escolhidos pelas bolsistas que assinam a co-autoria desse texto.

No segundo caso, exploramos nossas primeiras experiências com as turmas de crianças com TEA.

2.1 Análises de diários de campo: primeiro caso

A infância é, sem dúvida, um momento especialmente importante no desenvolvimento de cada ser humano. Sob o prisma da ludicidade, é quando sentimos, exploramos e podemos nos tornar o que desejamos, num mundo infinito criado pelo brincar.

O brincar livre transcende a diversão. Pode ser agente transformador e criador do senso de cidadania em uma criança. Pequenas intervenções no ambiente aliadas ao incentivo desse brincar espontâneo são um banquete de estímulos para a experimentação, a autonomia e a compreensão de lugar da infância no mundo, bases constituintes da formação de cada indivíduo consciente e socialmente participativo.

O caso a ser exposto a seguir se pauta na importância do direito fundamental ao brincar integrante da criança em vulnerabilidade e/ou abandono parental. Esses pequenos, muitas vezes privados de estrutura familiar e social de apoio, com espaço do brincar seguro e estimulante, representam um potencial para as propostas do Paludicon de oportunizar o desenvolvimento humano, uma ferramenta poderosa de ressignificação das experiências infantis.

O livre brincar é regido pela potência criativa, pelo *status* autônomo e por atuação confiante. Em cenários propícios, a confiança do ser e estar no mundo é autoconstruída, numa relação da criança com ela mesma. Nas vivências do Paludicon, tal confiança se constrói especialmente na relação com o adulto, o brinquedista, atento às necessidades e potencialidades de cada um dos usuários.

São muitas e expressivas as vivências com cada criança atendida, advinda das instituições e/ou ONGs de amparo à infância, sobretudo casas lares, destinadas a receber aqueles que estão fragilizados pela perda das referências de família nuclear, aguardando decisões da justiça para construir laços familiares duradouros.

São crianças cujo brincar não apresenta apenas a disposição lúdica, mas também anseios, vontades, medos e frustrações. Por seu turno, o olhar atento e cuidadoso do brinquedista permite prever situações e exercer uma postura íntegra para a criança se sentir integrada a um ambiente do brincar seguro e confiável.

Vejamos o seguinte caso: Alisson⁶ é um menino negro, de seis anos de idade, que tem permanecido os últimos três anos dentro de uma Casa Lar de uma cidade do interior mineiro. De início, o grupo de crianças estranha os atuais membros da equipe porque, de fato, são novos integrantes do Paludicon enquanto parte dessas crianças têm participado do programa desde 2023 e outras delas desde 2024. Porém, logo se constrói a relação com os adultos, e a rotina é criada. À medida que os brinquedistas passam a conhecer Alisson, tornam-se frequentes diversos relatos, nos registros dos diários, sobre situações de conflito envolvendo o garoto: agressão, irritabilidade, negativas verbais e corporais nas relações interpessoais, dificuldade de integração e de aceitação.

No decorrer de cada vivência, a cada nova semana, suas expressões faciais e motoras são acentuadamente mais e mais tensas e conflituosas. A liberdade que lhe é ofertada para usar o espaço da brinquedoteca se torna âmbito de desafio e contraposição: jogar longe, no ar, um carrinho de brinquedo, não se incluir nas brincadeiras, desrespeitar o espaço das demais crianças, não atender ao chamado dos brinquedistas são alguns dos episódios registrados.

Vão se tornando escassas as estratégias para conter comportamentos agressivos, notadamente desferidos contra as demais crianças ou que resultam em um ambiente fortemente tumultuado, contagiando a todos em maior ou menor grau. Já não há lugar para o brincar se manter.

A seguir, temos o relato de um dos extensionistas sobre o caso:

Após algum período de atuação e trocas de brinquedos, acabou ocorrendo dois conflitos entre Alisson e outra criança, o Luis. Eles chegaram a se agredir fisicamente. Igor, o extensionista que estava próximo a eles, busca separá-los. Vi-me impelido a ajudar também, para conter uma das crianças, o Alisson, enquanto Igor foi conversar e acalmar o Luis.

No contato com Alisson me dei conta de quanto ele considerou toda aquela situação ‘motivadora’, dando-lhe certo contentamento observar as resultantes do conflito, sobretudo nas reações de Luis, visivelmente contrariado. A tentativa de diálogo com os dois meninos teve sucesso momentâneo... ao final do horário das atividades com as crianças neste dia do atendimento da casa lar – quando solicitadas a colaborar com a organização do ambiente, para guardar os brinquedos nos lugares originais –, Alisson se descontrola de forma ainda mais efusiva, num verdadeiro ataque de fúria, agarrando-se às grades da área externa, gritando, correndo em volta do prédio.

Após ser pego e trazido para dentro do ambiente da brinquedoteca, começou a jogar os brinquedos aleatoriamente e subir em cima das mesas. Sem outras alternativas, a bolsista Lia redimensionou o ambiente, fechando a porta (as demais crianças já estavam aguardando o veículo para retornar à casa lar) e o colocou sentado numa cadeira para que pudesse ser ouvida por ele. Aos poucos, Alisson foi se acalmando, demonstrando compreensão e, finalmente, permitindo-se um momento de catarse, de explosão emocional para, depois, apresentar-se mais calmo (Trecho de diário de campo, maio/2025).

⁶ O nome é fictício para preservar a identidade da criança, como serão também os demais casos e nomes apresentados nesse texto.

Em complemento ao exposto acima, a intervenção foi, primeiramente, a de garantir só restarem eu (Lia) e Alisson no interior da brinquedoteca. Daí, o sistema de regras (ou de funcionamento da brinquedoteca) foi todo revisto, buscando indicar a ele – olho no olho – tanto a frustração sobre seu comportamento quanto a abertura para renegociar, indicando-lhe a importância de se acalmar e reconhecer a necessidade de se desculpar. Embora contrariado, Alisson aceitou reconhecer o exagero de seu comportamento, desculpando-se.

Porém, o mais significativo deu-se na semana seguinte, quando Alisson retorna ao atendimento e percebe que, além de acolhido, é também atendido num de seus grandes interesses, o de manusear massa de modelar. Assim, além de aceitar plenamente a proposta, assume de forma tão favorável que se torna o ‘ajudante do dia’. Seu comportamento nas semanas seguintes foi melhorando significativamente: brincou com outras crianças, não jogou mais os brinquedos para o alto e tem conseguindo lidar melhor consigo mesmo e com o ambiente ao seu redor. As brincadeiras agora passaram a ser esportes, carrinhos, jogos e aventuras ao ar livre. Ele tem explorado o ambiente com um conhecimento maior de si e pode, agora, começar a explorar novos brincares.

[...] incentivadas por Alisson, outras crianças desejaram subir em uma das árvores. [...] eu e outros dois brinquedistas ajudamos. Foi muito divertido. Alisson teve uma grande melhora no comportamento.

Tivemos uma grata surpresa em relação ao Alisson. Supusemos, de início, que ele viria a se impor, ou apresentar comportamentos para chamar a atenção sobre si. Foi o contrário (trecho de diário de bolsista, 09 maio 2025).

Evidente que não se espera uma constância, ou seja, uma linearidade de comportamentos de Alisson. Vez ou outra, tem-se de lidar com novas manifestações de agressões. Entretanto, além de menos frequentes tais situações têm sido resolvidas mais facilmente.

O brincar livre, nesse contexto, assume uma dimensão mais crítica e transformadora e se torna um instrumento vital para a (re)construção da identidade e a promoção da cidadania. O ambiente lúdico, embora supervisionado, não é diretivo, para recuperar a confiança de cada criança em si mesma e em suas capacidades.

Vê-se, pois, a importância de investir em espaços brincantes e no tempo para o brincar livre, visando o resgate da infância, para que cada criança siga se desenvolvendo com potencial de constituir sua vida adulta de forma mais autônoma e cidadã.

2.2 Análises de diários de campo: segundo caso

Conforme indicado antes, um dos campos de atuação do Paludicon focaliza o brincar das crianças com TEA. Assim, desde 2024 temos assumido a crescente demanda de atender esse público especialmente, ou seja, formando turmas específicas para promover o desenvolvimento da criança autista por meio da brincadeira.

São diversos os benefícios reconhecidos e valorizados pela comunidade científica, como os de estimular a comunicação verbal e não verbal, promover habilidades de iniciação e manutenção de interações sociais, desenvolver a criatividade, ampliar a imaginação, desenvolver habilidades motoras finas e grossas, contribuir com a autorregulação emocional, aumentar a flexibilidade cognitiva e comportamental, reforçar aprendizados como os que permitem ampliar vocabulário, dentre outros.

Em uma das turmas de TEA usuárias da brinquedoteca, atualmente com 4 crianças, temos observado como é o funcionamento da atividade lúdica no espectro autista. Cada criança apresenta habilidades e necessidades totalmente singulares, Cada uma tem, com maior ou menor intensidade, uma área de hiperfoco perceptível em suas brincadeiras e na forma como interage com os brinquedistas. Para gerar as melhores condições, temos propiciado algumas atividades específicas, visando promover a participação e o empenho delas no brincar.

Contrapondo-se a visões reducionistas sobre o TEA, as crianças que temos atendido demonstram grande capacidade de imaginação. Todas exploram suas habilidades criativas e, com isso, tendem a participar ativamente das brincadeiras.

Para maior detalhamento, vejamos o caso de Lino, um garoto de 8 anos que apresenta hiperfoco em temas que remetem à história e aos objetos antigos. É um menino muito comunicativo, que adora contar histórias. Em seu primeiro dia na brinquedoteca, Lino demonstrou diversos conhecimentos sobre Maria Antonieta, a rainha da França que foi guilhotinada, marcando o início da Revolução Francesa. Lino sabe a data de nascimento e morte dela, além de conhecer outros personagens e detalhes da tecnologia da mesma época histórica. Enquanto conversa sobre seu tema predileto, busca brinquedos que possam remeter ao passado. Assim, ao observar uma casinha de madeira, demonstrou grande encantamento pela aparência rústica do objeto, bem como pelas miniaturas de móveis que fazem parte do brinquedo, por considerar tudo “bem clássico”, uma de suas adjetivações prediletas.

Seguindo o escopo que orienta o Paludicon, as propostas com Lino têm buscado respeitar seu hiperfoco e, ao mesmo tempo, utilizá-lo como estratégias para ampliar a desenvoltura da criança, seja nas opções de brincadeiras que são criadas, seja nas relações que

podem ser construídas com os demais participantes da brinquedoteca. Desse modo, uma brinquedista trouxe propositalmente uma boneca de porcelana para complementar o ambiente da brincadeira inicial, que continha somente a casinha e os móveis, ou seja, sem representantes humanos. Durante a brincadeira, Lino passa a contar histórias e se entregar à imaginação e à criatividade. Notando que seus interesses não são somente respeitados, mas valorizados, Lino se vê impelido a solicitar um incremento para o cenário lúdico, recomendando um “clássico de Mozart”. Aliás, não qualquer obra de Mozart, e sim a “Sonata No. 16”. Lino continuou brincando e, ao longo daquele dia, explorou alguns outros objetos, embora sempre retomando seus interesses mais focais.

Há, evidentemente, desafios. O principal diz respeito às possibilidades de socialização entre as crianças do grupo. O brincar tem sido bastante individualizado. Elas aceitam bem os brinquedistas, mas não interagem entre si. Essa é uma questão de grande relevância nos processos de desenvolvimento da criança com TEA. O adulto, sendo em geral mais compreensivo, por ser capaz de não requerer igualdade de condutas nem disputar objetos e brincades, é a primeira opção de parceria que a criança aceita. Entretanto, a interação com outras crianças precisa ser conquistada. Temos buscado, paulatinamente, estabelecer cenários e estratégias que favoreçam momentos de socialização, a fim de maximizar o estímulo aos processos socioafetivos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes, a brinquedoteca é percebida como um espaço utilitário. Esta é, claramente, uma visão muito limitada. É preciso ir além, acolhendo também os anseios da comunidade acadêmica. Reinventar é igualmente imprescindível, tendo-se em conta a atual conjuntura, em meio às limitações impostas por diversas regulações, sobretudo aquelas que impõem restrições severas ao orçamento das universidades federais, implicando modos novos e criativos de manter as propostas extensionistas em funcionamento.

A universidade é parte integrante de um esforço social para a formação do cidadão crítico e engajado. Sob essa égide, deve-se assumir o brincar como potencializador da transformação do sujeito, em direção à autonomia e à emancipação. Nossa brinquedoteca assume este papel ao ser um espaço acolhedor que, pela experiência lúdica, busca fortalecer o

processo identitário, o resgate de si e do mundo, para pessoas de qualquer idade (Queiroz-Melo, 2021).

Nos casos relatados observamos que, para além do exercício de elaboração científica, observado nos excertos dos diários, deparamo-nos com a prática profissional em seu processo de desenvolvimento. As descrições dos casos, por sua vez, permitem evidenciar a delicadeza, a complexidade, os aparatos e a abertura de possibilidades que vão se constituindo a cada novo momento em que sucede o brincar.

Não restam dúvidas sobre o potencial desse saber-fazer no cotidiano da academia. Contudo, é preciso ofertar e manter boas condições para essa estrutura existir, tanto estrutural quanto materialmente, além de se garantir uma equipe de discentes dispostos a realizar esse relevante trabalho de atenção à cidadania e, sobretudo, tendo-se o reconhecimento do espaço da brinquedoteca como integrante no processo formativo dos estudantes.

REFERÊNCIAS

FARENZENA, Rosana Coronetti *et al.* Brinquedoteca universitária: cotidianos lúdicos do território acadêmico ao comunitário. **Expressa Extensão**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 66-79, 2018.

OLIVEIRA, Evandro Salvador Alves *et al.* Culturas lúdicas na infância: as potencialidades de uma brinquedoteca universitária. **Revista UFG**, v. 17, n. 21, 2017.

PIMENTEL, Alessandra. Intersubjetividade e aprendizagem escolar. *In*: MARTINS, João Batista *et al.* **Na Perspectiva de Vygotsky**. 1 ed. São Paulo/Londrina (PR): Quebra Nozes/CEFIL, 1999. p. 13-26.

_____. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, v. 26, 2008, p. 109-133.

_____. Contribuições da atividade extensionista em brinquedoteca para a formação universitária. *In*: ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de; LIMA, Luana Caetano de Medeiros; MELO, Charlline Vlândia Silva de. (Orgs.). **Lúdico: um ato de brincar e de vida**. 1 ed. Fortaleza: Instituto Nexos, 2023. p. 258-269

_____. Desenvolvimento profissional e ludicidade: o papel da extensão na formação universitária. Anais do Simpósio em Psicologia, Redes e Educação de 2025, Belo Horizonte: LIEPPE-MG, 2025. v. 1. p. 14-17.

QUEIROZ-MELO, Maria de Fátima Aranha. Entrevista com docentes/técnicos da Brinquedoteca UFSJ. [Entrevista concedida a Alessandra Pimentel e Lídia Quites]. 25 jun. 2021, 1'32”.